

VICTOR HUGO

HOMENAGEM DO CLUB LITTERARIO JOSÉ BONIFACIO

REDACTORES:—F. DE PAULA TEIXEIRA E LUIZ SERRA

ANNO I

Collegio Moretz-Sohn—S. Paulo, 22 de Maio de 1887

N. 1

VICTOR HUGO

S. PAULO, 22 DE MAIO DE 1887.

..... mortalha...
que envolve o coração é Deus quem corta.

DR. BRAZILIO MACHADO

Os genios têm por patria — a Humanidade!

As outras barreiras naturaes e convencionaes se esborçam, se nivelam ao approximar-se a sua passagem. Tudo cede, tudo move-se, ou antes, tudo se immobilisa pela admiração, emquanto que fulgurante e esplendoroso, illuminando as trevas, talvez de um céu carregado, passa Elle ovante, adiante... sempre adiante, caminhando para o porvir.

A patria do Genio é o Universo; neste vive a Humanidade sob todos os climas; portanto, o Genio é cosmopolita. E', em nome desse cosmopolitismo, que nós, os socios da Sociedade Litteraria «José Bonifacio», esse outro genio porventura o maior que o Brazil viu florescer no seu sólo, esse homem que sacrificou sua vida na ara do Patriotismo, emquanto que sua alma se apegava aos «musgos do caminho» e, que «seu coração no espaço se derretia», talvez para chorar, transformado em orvalho, as desgraças de sua patria, as desgraças do escravo opprimido; é em nome desse cosmopolitismo que nós, no dia do segundo anniversario da morte de Victor Hugo, «vimos encostar o ouvido á sepultura ainda quente, e escutar o testamento da sua aspiração derradeira», vimos com a modestia e enthusiasmo da juventude, buscar «a evocação de um exemplo»; vimos, finalmente, celebrar esse Sol grandioso em redor do qual, gyrando, nem planetoides somos, porque Victor Hugo é tão grande como a immensidade dos orbes, tão radiante quão seria a estrela que o Creador formasse de todas as que brilham no espaço ethereo. Por isso, ó vós que nos lêdes, deixai-nos vogar n'uma lagrima só da Humanidade para rememorar a sua morte, emquanto que agora, como sempre, scintillarà a sua lembrança no céu limpidos da saudade, talvez com a melancholia do astro que provoca as scismas e os devaneios...

Poupai as nossas palavras, embora por demais entusiastas, porque ainda não exprimem o que queremos dizer. Si de todos os vocabularios das linguas vivas e mortas, nós com o seu auxilio formassemos uma unica palavra para

medir Victor Hugo, para precisar a sua grandeza, cremos que essa palavra seria como a luz dos planetas, apenas um reflexo; mais nada exprimiria, porque o Genio, como o fundo de certos mares, é insondavel.

Só avaliaria a sua magnitude, Aquelle que fez sair do cáos, a mais esplendorosa das obras da natureza com o seu eterno — *Fiat Lux!* Só Deus, sim, só Deus poderia dizer quanto valia Victor Hugo!

Elle atirou-se pelo infinito que só o podia conter; abysmou-se na immensidade o seu espirito, emquanto que o seu corpo conduzido ao Pantheon, tornou-se como Meka, o logar da peregrinação que faz-se para adorar ao Genio. Portanto, todas as Nações e todos os Povos, cantem um Hosanna ao Homem-Deus.

F. DE PAULA TEIXEIRA

O Morto Ilustre

Tel homme a été fait pour porter
la connaissance humaine jusqu'à
son dernier terme.

J. J. ROUSSEAU

Que nos perdoem as pennas flammanes e adamantinas de Quintino Bocayuva, Julio Ribeiro, Arthur Azevedo, Ferreira de Araujo e outros muitos escriptores de nomeada, se sahimos hoje a publico a falar de Victor Hugo, depois que vós outros, que piloteais a nau do jornalismo brasileiro, já haveis dito delle o que nós não seriamos capazes de dizer.

Os vossos escriptos, na phrase de José Bonifacio, «rebetam jorros de luz», emquanto que os nossos... pobres... obscuros... descoloridos... sem vigor, não resplendem como os vossos, «o sol das inspirações».

Tudo relativamente: se fomos ricos e opulentos em conhecimentos litterarios, os nossos escriptos selo-iam do mesmo modo; somos, porém, pobres... simples e despretenciosas serão as nossas palavras.

E o publico, o juiz acerrimo que tem de julgar-sos; elle que sabe aquilatar do merito e do demerito de cada um, e que, assim como sabe applaudir sabe tambem apupar, certamente collocar-nos-à no numero daquelles que se esforcam, no rol daquelles que principiam, e que por emquanto nada são, visto que nada fizeram ainda. E se hoje fazemos alguma cousa, isto é, se escrevemos hoje estas linhas, é com o

fim unico, é unicamente no intuito de render homenagem á memoria de um morto illustre, que adoramos e que veneramos ainda mais como Victor Hugo, «o nosso segundo pai, o pai de nosso espirito».

×

Ha dois annos, no dia de hoje, choravam de Pariz milhares de telegrammas, participando ao mundo inteiro, a fatal noticia da morte de um dos primeiros, senão o primeiro homem do seculo — Victor Hugo!

E' facil de imaginar a perturbação, o abalo e o transtorno que produziu semelhante acontecimento.

E' facil de conceber a agitação e o effeito contristador produzidos por esta catastrophe no mundo civilisado. Servindo-me das palavras de um distincto litterato direi: «Está vasio o seculo: o homem-sol sumiu-se. Jesus-Christo, oh Jesus! quem ha de agora que elle é morto, remir os eaptivos, afagar a Magdalena pelo seu muito amor, e abençoar a infancia?»

.....
«Para chorar Victor Hugo, não tenho phrases, tenho lagrimas».

Na realidade, só mesmo o pranto pôde exprimir o sentimento de pezar causado pelo desaparecimento do cerebro mais fecundo do seculo XIX. Estão hoje envoltas em crepe — a França e as cinco partes do Globo.

Quem já tenha lido *Les Misérables*, *Quatre-vingt-treize*, *Le roi s'amuse*, *Lucrèce Borgia*, *Marion Délorme*, *Cromwell*, *Hernani*, *Ruy Blas* e outros muitas obras maravilhosas que fizeram de Victor Huges um Mestre, ha de com dôr profunda e com profunda allucinação, vêr passar o dia vinte e dois de Maio de cada anno, dia do segundo anniversario de seu fallecimento.

E nós, modestos admiradores desse talento possante, considerar-nos-iamos ingratos se deixassemos de prestar uma homenagem á sua memoria, hoje que a Civilisação em peso, lamenta e chora a falta que elle faz ás Lettras... Desterrado pelo imperador Napoleão III para a ilha de Jersey, do seu exilio fez elle o pamphleto satyrico *Napoléou le petit*, e o livro *Les châtiments* e muitos outros.

+

Não ha ninguem, que ao ouvis este nome sublime Hugo, não sinta dentro do peito o pulsar do enthusiasmo e o sentimento da veneração «ao velho gigante de Besançon».

Não ha ninguem, que não pranteie a perda do homem, cuja patria—era o Universo; cuja familia—a Humanidade! Não ha, finalmente, quem sem pezar visse desaparecer do nosso planeta esse astro radioso, essa estrella de primeira grandeza, em redor da qual gyravam outros menores, que procuravam abrigo sob seus raios lumincosissimos e eternamente vividos...

Adm ramol-o apaixonadamente; aos dezoito annos já fazia odes magnificas como *Moysés no Nilo*, *A morte do duque de Berry* e outras produções que revelavam immediatamente serem oriundas de uma intelligencia superior, de um verdadeiro Genio!

A sua morte foi uma calamidade monstruosa, indescriptivel...

O vacuo por elle deixado jamais se-rá preenchido...

Ninguem, á sua imagem, será encontrado para succedel-o em nosso se-culo, o qual conservar-se-á tenebroso para todo sempre, pois a isso o obriga a morte do laureado Poeta.

Morto Victor Hugo!

Eis a exclamação que, como o estampido produzido pela trovoadá ou por uma enorme desgraça, sahiu de todos os labios, mesmo daquelles que não sabiam ler, mas que conheciam o seu nome sympathico por terem ouvido falar muito delle, como sendo o protector dos fracos, o defensor, o pai dos opprimidos.

Dedilhando a lyra, era um Poeta primoroso; e o seu estro vibrante e potente, é em certas occasiões, brande, suave, delicado, sedoso, divinal, ethereo...

Apontando os erros, e censurando as injustiças da sociedade, era a um tempo, um philosopho penetrante, um romancista elevado.

O Pantheon, em Pariz, guarda o seu corpo, que se acha rodeado dos grandes homens que a França tem tido.

Ha dois annos que é morto, e o seu nome, «sacrario enorme de tudo quanto é justo, bello e bom», ainda é pronunciado como se elle estivesse vivo, aqui, ao nosso lado, contando-nos cousas agradaveis e uteis, como as que nos ensina em seus livros...

Todas as nações commemoram o dia de hoje por meio de sessões funebres e de outros actos analogos.

O Brazil associa-se á tristeza universal, e nós, da mesma maneira, acompanhando o lucto da gloriosa França, enviamos-lhe os nossos peza-mes, a ella, que em Victor Hugo, perdeu o mais illustre de seus filhas; aquelle que, como disse Castro Alves, poder-se-ia intitular:

O mestre do mundo!
O sol da eternidade!

LUIZ SERRA

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

O dia de hoje

O dia de hoje é solemne e grande na Historia da Litteratura do seculo XIX, porque foi neste dia que morreu Victor Hugo, o primeiro Poeta e um dos maiores pensadores que tem havido. Ha dois annos que expirou este nosso Mestre, e ha dois annos que a sua pa-

tria chora diante de seu tumulo, diante do sepulchro que guarda os restos mortaes do «genio piedoso e impolluto»; do filho amado, do filho illustre...

Seu corpo jaz no Pantheon, em Pariz, ao lado das maiores glorias da França, como Léon Gambetta, Lamartine, Montesquieu, Jean Jacques Rousseau e outros muitos talentos.

Victor Hugo deixou obras monumentaes, compoz muitos romances e produziu poesias assombrosas, saturadas de inspiração!

Quem ha ahi que ainda não tenha lido os *Miseraveis*, os *Miseraveis* de Hugo?

Foi tambem politico e eleito representante do povo, pelo Parlamento Francez, cargo que desempenhou heroica e dignamente, como era de se esperar pelo seu grande talento.

Morto — é ainda maior do que vivo, porquanto as suas obras ahi estão para exaltal-o, e fazer com que seja respeitado e admirado em todas as gerações.

FRANCISCO CORREA BORGES

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

O HOMEM SOL

Se as lagrimas pudessem colorir as letras, seria em lagrimas que eu molboraria a penna para neste dia, o do segundo anniversario da morte de Victor Hugo, a qual faz recrudescer em nossas almas um pezar acerbo, manifestar a dor que curte o meu peito ainda não extincta pelos annos!

A grata recordação daquelle nome que symbolisa o progresso litterario, grava-se eternamente no coração dos homens que reconhecem o merecimento dos genios.

No infausto dia 22 de Maio de 1885, desapareceu no lugubre abysmo da morte esse vulto magestoso de um homem, cujo nome era um triumpho na conquista das Lettras e da Sabedoria, por causa da robustez do seu talento admiravel!

A Instrucção, uma das causas que exercem mais poderosa influencia sobre nós, era a sua divisa; ello ensinava aquelles que precisavam de luz, que viam na obscuridade da ignorancia.

Assim como o corpo não póde prescindir do alimento, assim tambem o espirito, para seu desenvolvimento, requer aquelle outro alimento sadio e util, aquella substancia preciosa a que chamamos — o saber, a instrucção.

A penna foi sempre o instrumento inexcivelmente manejada por aquelle grande homem; e ella, a sua penna jamais corrêra sem proveito sobre o papel, o seu campo de batalha intellectual!

Este jornalzinho, caros leitores, é uma homenagem assás sincera, que rendemos ao respeitavel nome do vulto mais proeminente da litteratura moderna.

Já que não nos é possível arrancal-o á tetrica mudez do sepulchro, preste-mos-lhe esta unica e affectuosa homenagem, ao menos para que seu nome

viva comnosco nas horas breves desta existencia ephemera.

MANOEL ANTONIO PEREIRA DE CASTRO

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

O grande morto

E' hoje o segundo anniversario da morte de Victor Hugo!

Que poderei eu dizer acerca desta grande calamidade, que elucta não só a França, mas tambem a propria civilisação?

Que deverei eu dizer de Victor Hugo, o chorado auctor dos *Miseraveis*, sinão o que todos já têm dito delle: que foi um grande homem, um escriptor notavel, um romancista inexcível, um poeta incomparavel, inspiradissimo?!

Escrevendo estas linhas, nada mais faço do que prestar uma homenagem justissima ao illustre morto, que tanto honrara a patria com seus escriptos admiraveis e lidos por todos; e, derramando uma lagrima saudosa e sincera sobre seu tumulo glorioso, cumpro um dever sacrosanto, o dever que temos de todos nós respeitar as cinzas dos grandes talentos como Victor Hugo!

JOÃO MACHADO DE CAMPOS

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

O Genio

Votre absence en ces lieux
Suspend toute joie.

RACINE

O dia 22 de Maio de 1885, foi triste, muito lugubre, não só para a França como tambem para o universo todo. O céu amanhece-
ra enegregado, escuro e tristonho; parecia chorar a morte de algum astro, de alguma estrella... O sol conservava-se escondido; não apparecera, não viera como em outros dias, beijar a superficie do Sena, constantemente sulcada por milhares de embarcações.... O povo francez como que advinhava que uma grande desgraça estava para acontecer, quando «a lingua metallica do telegrapho» participou ao mundo estas tres palavras aterradoras: Morreu Victor Hugo! Quem ha que não sentisse e ainda não sinta a morte do grande poeta, do grande romancista, do grande escriptor, da gloria do nosso seculo?! Commemorando este dia luctuoso, enviamos ao mesmo tempo um voto de pesar a toda a França, por haver perdido um dos filhas que mais a illustrava e um dos homens que mais a honrou com os seus escriptos. A elle dedico estas palavras de um talentoso escriptor: «V. Hugo morreu. E' o facto

que tem preocupado ultimamente o mundo. Preso a todas as idéas luminosas, elle soube elevar a humanidade, perlustrar todas as anfractuosidades do espirito humano e dar ás suas obras um sopro de inspiração que as tornaram inexcediveis, brilhantes, extraordinarias.

Em todas as luctas, quer politicas, quer litterarias, aquelle inimitavel espirito teve sempre a victoria. Só uma cousa faltava-lhe para tornar-se maior—a morte. Morreu por isso.»

E morreu, dizemos nós, para que lá da eternidade elle veja a dôr que a todos causa a sua ausencia aqui na terra.

PEDRO ABLAS.

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

O NOSSO MESTRE

Celebra-se hoje o segundo anniversario da morte de um grande homem, porventura o mais illustre deste seculo: Victor Hugo!

Admirado em todo o mundo, o seu nome é venerado por todos; é respeitado pelo universo inteiro! No XIX seculo não houve ninguém, como elle, tão celebre, tão notavel. Os seus escriptos são um deposito de conhecimentos uteis e de litteratura amena e agradável...

A imprensa de todos os paizes solemnisava o triste dia de cada anniversario de seu fallecimento; e eu tambem, assignando debaixo deste pequeno artigo o meu obscuro nome, só tenho um fim: demonstrar de algum modo a tristesa que sinto e que se apodera de minha alma todas as vezes que, como agora, tenho de fallar da morte de Victor Hugo, o genio mais vasto do nosso seculo, o seculo das luzes!..

APRIGIO DE MAGALHÃES.

22 de Maio

«V. Hugo nasceu com o seculo XIX; O seculo XIX morreu com V. Hugo.»

V. M.

Commemoramos hoje o segundo anniversario da morte do idolo de nossa admiração: Victor Hugo! Victima do odio incomprehensivel de Napoleão, o traidor que cahiu em Sedan, o grande homem cuja morte é pelo

mundo todo sentida, foi exilado para a ilha de Jersey, no mar da Mancha. Que mal tinha feito elle, que crime havia elle commettido para merecer tão atroz castigo?

Lá... na sua ilha, longe da França, da patria que tanto amava, sorvendo o calix amargo do desterro, escreveu elle obras monumentaes, livros admiraveis... Só, sem companheiro algum, passava os dias lendo e escrevendo ainda mais.

No exilio, compôz elle as paginas mais brilhantes que adornam a litteratura deste seculo; e do exilio, por meio de seu «verso fulminante e candente» reanimava a França abatida e derrubava e vingava-se do seu algoz, do verdugo que o puzera distante do seu paiz, que o collocára debaixo de céu estrangeiro, fóra de sua terra natal! Idoso como estava, o seu maior desejo era «repousar em tumulto francez.» Foi satisfeito o desejo do grande poeta: repousa no meio de seus compatriotas e de seus companheiros nas lides litterarias. Seu corpo jaz no Pantheon, onde elle encontrou, finalmente, a mulher que queria desposar, e que, com effeito desposou, porque era digno della—a gloria!

BENTO DE MORAES SAMPAIO.

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

O Redivivo

Estudante como sou, e socio de um club litterario, não poderia deixar passar em olvido o dia de hoje, dia do segundo anniversario da morte de Victor Hugo, o homem cujos escriptos, são, usando da phrase do sr. Urbano Duarte, «o colosso de Rhodes da litteratura contemporanea». Como todos sabem, esse homem incomparavel, que encheu o mundo com os seus livros preciosos, foi desterrado para a ilha de Jersey, a mandado de Napoleão III, o imperador que capitulou em Sedan.

Acaso era elle um parricida, um assassino qualquer para merecer o exilio? Certamente que não. O seu crime consistia em ser um homem que não via com bons olhos as injustiças da terra; elle amava a liberdade de que tanto carece o nosso Brazil, e, de lá, de seu desterro, escreveu elle obras importantes, que jamais serão esquecidas, porque passarão á posteridade, bem como o seu nome.

Tomando um canto neste jor-

nalzinho, o meu fim não é o de mostrar talento nem eloquencia; o meu fim todo, é manifestar a admiração que devoto ao genio de que a França deve ufanar-se de haver sido berço.

Terminando, eu, em vez de prantear a tua morte, eu te saúdo, Hugo! Morreste, mas resuscitaste no Templo da Immortalidade!

JOÃO BAPTISTA RAMOS.

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

Um patriota

Dos diversos modos de considerar as cousas e os homens, sempre ha um particular, que apesar da sua particularidade não deixa de ser importante. Os meus collegas consideram Victor Hugo, como litterato, romancista, philosopho e como o primeiro Poeta deste seculo; e eu vou considero-o como um amigo da Humanidade, e conseguintemente, como um politico, porque nos nossos dias o Patriota é necessariamente um politico, porque onde elle póde trabalhar em prol do povo, é nos comicios, onde este é representado. A individualidade politica de Victor Hugo, foi ainda sobre este aspecto salientissimo e por ventura uma das mais culminantes do seculo, porquanto o meio mais prompto de diffundir idéas, é aquelle de que elle serviu-se:—Escrever!... Escrever!... Escrever!...

Nada mais verdadeiro do que o dictado:—«Scripta manent verbavolant». Nestas circumstancias a individualidade de Hugo, é a mais gigantesca do seculo—é para este seculo, o que Rousseau foi para o seculo passado, isto é, a personificação das idéas elevadas!

E quem ignora que Victor Hugo foi um dos campeões do radicalismo levado a seu exterior, a sua ultima palavra:—socialismo? Foi ahí que elle achou a ultima letra do progresso humano, porque, a seu vêr, tudo que hoje domina na Sociedade, é um uso consagrado pelo tempo, mas nem por isso deixa de ser uso, e todos sabem que o uso é uma convenção. Esta, quando a Humanidade tiver progredido até ás raia do possível e imaginável, deve ser inteiramente varrida do convívio humano, porque ella não tendo sua origem na natureza, não é filha da

ARQUIVO
Nº 00518

razão, e no futuro estado da Humanidade—a razão, sendo a base do edificio da civilização humana, irrevogavel e impreterivelmente exotál-a-á desse futuro meio, como as superstições tem-n'o sido no nosso, por pouco que ella tenha progredido.

Estamos firmes nessa idéa, e si, no pensar d'um philosopho moderuo, propugnador de idéas elevadas, é o futuro deus da Humanidade, que logar terá Victor Hugo, entre os bemfeitores?

Quem pregou idéas tão elevadas, quem foi mesmo a personificação do deinteresse; sim, quem terá a consagração da Posteridade, e nós dos labios desta, já apanhamos as primeiras syllabas, que irão ecoar no infundo das edades, como a deificação d'um homem, augmentando-se-lhe occulta a medida que o tempo que se affastava realisando o que Elle pregou e assim realçando, deificando, como dissemos—a sua Pessoa Adamastorea, na sua inolvidada Memoria, que serão os seus feitos!

GUSTAVO DE MORAES BARROS.

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

O EXILADO DE JERSEY

Ha dois annos, a 22 de Maio de 1885, a humanidade toda, ferida pela morte de Victor Hugo, cobria-se de crepe para chorar a falta desse astro fulgurante, desse genio vastissimo que encheu o mundo de assombro, de admiração e de respeito!

Amoroso até o extremo, o homem cuja perda a França ora lastima, não era unicamente um escriptor notavel, um poeta excelso, um romancista consummado: era tambem um pai do familia exemplar, modelo. Romancista e philosopho—tinha compaixão dos desgraçados, dos desprotegidos da fortuna; poeta—cantava os grandes e os heróes, e lastimava as miserias da terra; pai de familia—fazia do lar um sanctuario.

Depois de sua morte, verdadeiro desastre, dir-se-ia que tudo se obscureceu: dir-se-ia que o universo envolveu-se em densas trevas... e que nós, que viamos nelle um segundo sol, temos os olhos vendados, não enxergamos mais nada, tudo é noite tudo é escuridão! O nosso seculo que scintillou emquanto elle viveu, já não brilha; desconsolado e ainda de lucto, encosta-se choroso, á tumba

do illustre francez, como se por meio das lagrimas pudesse fazer voltar á vida aquelle morto Titan. Exilado para a ilha de Jersey, Victor Hugo ahi passou muito tempo soffrendo o rancor injusto do imperador Napoleão III.

E' tudo o que eu podia dizer a seu respeito; e, partilhando tambem do sentimento de dôr de que o mundo inteiro se acha possuido neste momento, transcrevo para aqui estas palavras que exprimem perfeitamente tudo quanto eu penso sobre a morte do grande homem!

«Victor Hugo morrendo, teve para choral-o a humanidade.»

OLYMPIO PARANHOS.

Duas palavras

Duas palavras, ao menos, ser-me-ia impossivel deixar de dizer acerca do 2º anniversario do fallecimento de Victor Hugo, o nosso Mestre, o Mestre de todos.

Hugo, o primeiro Poeta do seculo, ha de ser sempre, eternamente alvo da admiração de todo o mundo civilisado; os seus escriptos são verdadeiras obras primas, são tudo o que ha de mais puro e de melhor na litteratura moderna.

O Universo é unanime em solemnizar o dia de hoje; e eu, fazendo aqui ponto final, envio as minhas condolencias á França, que hoje veste-se de lucto pelo 2º anniversario da morte de seu filho venerando e uma das glorias do seculo XIX!

JOSÉ BENTO VIANNA.

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

VICTOR HUGO

Assim como o passaro, voando pelo azul do firmamento, solta os seus gorjeios, assim tambem eu, por meio de meu fraco entender, faço os esforços que estão ao meu alcance, para admirar esse Genio, que todo o mundo admira, o Mestre da litteratura deste seculo—Victor Hugo!

Em suas muitas obras importantes, como *Les Miserables*, por exemplo, lamenta elle as desgraças da Humanidade, compadece-se dos pobres e dos

felizes. O ultimo suspiro, para transpôr depois os umbraes desta vida, exhalou-o a 22 de Maio de 1885, ha dois annos deixando á sua familia e á sua patria, uma fortuna—as suas obras, preciosos thesouros, que encerram a riqueza dos conhecimentos e do saber!

Honra e gloria, pois, a Victor Hugo, que tanto cooperou com o seu talento para o engrandecimento do nosso seculo?

JOSÉ PIO FERNANDES.

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

Um grande homem

E' hoje o segundo anniversario da morte de Victor Hugo, um dos primeiros e, segundo affirmam opiniões provecas, o primeiro homem do nosso seculo. Dentre as muitas obras que deixou, podemos citar:—*Os Miseraveis*, *Notre Dame de Paris*, *Les chatiments* e outras dignas de leitura, como dignos de leitura são todos os escriptos de Victor Hugo.

Baixou ao tumulo á 22 de Maio de 1885, mas o seu nome ficou gravado em todos os corações que sentem entusiasmo e que tem amor por tudo quanto ha de mais bello na creação como sejam as Lettras.

JOSÉ PEDRO XAVIER.

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

Homenagem

Não me é possivel, no meio do côro unisono de meus companheiros, deixar de escrever algumas palavras á memoria do grande Homem, que todos conhecem. Sou um echo apenas; não importa. O nome sublime de Victor Hugo, que aqui escrevo, exalça as minhas toscas palavras, diz tudo o que eu poderia dizer a seu respeito.

AGOSTINHO SILVA.

S. Paulo, 22 de Maio de 1887.

